

I

A MINHA ENTREGA DE CREDENCIAIS

A primeira noticia que tive de que ia ser recebido pelo Führer foi uma comunicação telefonica que me veio do Protocolo, em termos sibilinos, cêrca de uma semana antes do acontecimento. Perguntaram-me se eu tencionava ausentarme de Berlim por esses dias mais proximos, e, como respondesse negativamente, disseram-me ser conveniente que não me ausentasse, pelo menos sem avisar, porque podiam dar-se circunstancias que tornassem necessária a minha presença, aqui. Por esta e outras frases do mesmo gosto fiquei entendendo que o Chefe do Estado era esperado em Berlim, dahi a dias, e que por essa ocasião me seria marcada uma audiencia para a entrega das minhas credenciais.

Passaram-se vários dias sem mais noticias. Na 4ª feira 10 do corrente, pelas 11 da manhã, nova comunicação telefonica do Protocolo: que o Führer nos receberia no dia seguinte a mim, ao Embaixador de Espanha e ao Ministro da Dinamarca, não em Berlim, mas no seu Quartel General. Partiríamos de comboio naquela mesma noite, por volta das 9 horas. Não era ainda possivel indicar-me nem a hora exacta da partida, nem a estação de caminho de ferro, nem o fato que haviamos de levar. Das passagens não era preciso ocupar-me porque seria posta à nossa disposição uma carruagem especial com camas. Na estação seriamos aguardados por um representante do Governo alemão e funcionários do Protocolo, que nos acompanhariam na viagem. Desde a nossa chegada à estação seriamos

considerados hospedes do Reich. Estariamos de volta a Berlim na 6ª feira 13, antes do meio dia.

Só depois das 5 da tarde é que consegui saber que a partida seria às 21.40, da estação de Friedrichbahnhof.

- A VIAGEM -

Pouco antes da hora marcada chegámos à Friedrichbahnhof sendo introduzidos na sala de recepção da estação, onde nos aguardava por parte do Governo o Ministro do Reich Dr. Meissner (Chefe da Chancelaria Presidencial) acolitado por uns poucos de funcionários do Protocolo. O Embaixador de Espanha fazia-se acompanhar por tres funcionários da Embaixada: o Conselheiro, o adido militar e o adido aeronautico, - que todos seguiram viagem connosco. O Ministro da Dinamarca e eu fizemo-nos acompanhar por um Secretário de Legação, mas só até à estação. Depois de uma breve troca de cumprimentos dirigimo-nos em cortejo para a carruagem que nos estava reservada: um "coche-camas", do tipo corrente, em que cada um de nós tinha o seu beliche. Pouco depois da partida recolhemo-nos aos beliches e fomos para a cama sem fazer idea da direcção que levavamos.

Na manhã seguinte depreendemos (pelos nomes das estações e outros pormenores) que nos encontravamos na Prussia Oriental nas proximidades de Königsberg.

Em certa estação já perto das 10 da manhã a nossa carruagem foi desligada do comboio e atrelada a uma locomotiva que a levou a um pequeno apeadei-

ro, num sitio quasi ermo. Ali se encontrava à nossa espera um salão restaurante, ao qual nos juntaram, e no qual nos foi servido o pequeno almoço. Terminado este, voltamos para os beliches afim de envergarmos os nossos jaquetões pretos — traje este que só nesta altura nos foi indicado pelos funcionários do Protocolo.

Fouco depois das 11 da manhã chegou de automovel o Snr. von Ribbentrop que logo se dirigiu ao salão restaurante. Os funcionários do Protocolo vieram buscar o Embaixador de Espanha e acompanharam-no até ao salão em que estava o Ministro dos Negócios Estrangeiros. A seguir ao Conde de Mayalde, fui eu introduzido com o mesmo ceremonial, e depois de mim o Ministro da Dinamarca. Terminadas estas audiencias o Snr. von R. meteu-se novamente no seu automovel e foi-se.

Já bastante depois do meio dia apareceram alguns automoveis militares para levar-nos ao quartel General do Führer. O primeiro a sair foi o Embaixador de Espanha, com o pessoal da sua Embaixada, e um dos funcionários do Protocolo. Cerca de 15 minutos mais tarde seguiu eu, acompanhado por outro funcionário do Protocolo. Dahi a outro quarto de hora seguiu pela mesma forma o Ministro da Dinamarca.

O percurso de automovel foi de cerca de 20 minutos. Embrenhamo-nos num pequeno bosque. De vez em quando, topavamos com sentinelas e pequenas patrulhas militares. Por fim chegamos a uma clareira em que avistamos um comboio constituido por numerosas carruagens grandes, sem locomotiva. Nesse comboio é que se encontra instalada o Grande Quartel General. Foi-me dito mais tarde que cada uma dessas carruagens tem a sua applicação especial: umas servem de dormitorios, ou-

tras de escritorios, outra de sala para conferências, outras de salas de jantar etc. Uma delas contem exclusivamente quartos de banho. Outra serve de central telegrafica e telefonica. Nas cercanias do comboio, escondidas entre as arvores, viam-se algumas barracas de madeira que me pareceram ser os alojamentos dos soldados que estão de guarda ao sitio. Pouca gente e pouquissimo movimento: apenas alguns officiais novos (ajudantes às ordens) e umas duzias de soldados.

O sitio fica nas proximidades de Rastenburg e de Hötzen, a 60 Km. da antiga fronteira russa. Hoje encontra-se a mais de 1000 Km. da frente de batalha. É aqui o "Grande Quartel General do Comando Supremo das Forças Armadas do Reich". É aqui que vêm conferenciar com o Fuhrer os Generais comandantes dos corpos de exercito. É aqui que reúnem os Conselhos de guerra. É daqui que são datados todos os comunicados sobre as operações militares.

Quando cheguei, ainda não tinha terminado a audiéncia do Embaixador de Espanha, pelo que me levaram a uma carruagem que servia de sala de espera. Pouco depois vieram buscar-me para conduzir-me à carruagem-salão em que me esperava o Snr. Hitler.

Terminadas as audiéncias meteram-nos novamente nos automoveis militares, e voltamos ao nosso comboio. Ali no foi oferecido pelas 2.30 da tarde um almoço bastante bem servido a que presidiram o Ministro do Reich Dr. Meißner e o Chefe do Protocolo, barão von Dörnberg. Depois do almoço recolhemos aos beliches para descansar e mudar de fato. Mais tarde meteram-nos outra vez nos automoveis militares para darmos um passeio pelos arredores. Voltámos ao nosso comboio

pelas 7.30 da tarde, e dahi a pouco fomos jantar. Pelas 9.30 veio buscar-nos uma locomotiva, e puzemo-nos em marcha a caminho de Berlin, onde chegamos no dia seguinte às 10 horas da manhã, conforme estava planejado.

A AUDIENCIA DO MINISTRO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

O Sr. von Ribbentrop fôra-me descrito por alguns colegas do corpo diplomático como homem sumamente vaidoso, altaneiro e empertigado. Não tive ocasião de verificar se é ou não vaidoso; mas devo dizer que não o achei nada altaneiro ou empertigado. Recebeu-me com afabilidade e demorou-se a conversar comigo sempre com naturalidade durante bastante tempo (bastante mais do que o quarto de hora da praxe). A única particularidade que me chocou nesta audiência — como também na do Fuhrer — foi um certo desbragamento, ou melhor, falta de aprumo na linguagem de ambos estes estadistas. Adjectivos como "estupido", "idiotico" e outros analogos saem-lhes da boca com uma frequência nada usual nas conversas diplomaticas.

O Sr. von Ribbentrop começou por felicitar-me por ter escapado incolume à bomba que dias antes caíra sobre o meu hotel. Falou longamente sobre os ataques aereos. A effiecia dos bombardeamentos britannicos era pequena, segundo eu já teria verificado, e dentro de pouco tempo seria ainda muito menor porque a artilharia anti-aerea alemã estava sendo muito reforçada. Por esta forma acentuar-se-ia ainda mais a disproporção já existente entre os resultados alcançados pelos ingleses nos seus bombardeamentos às cidades alemãs, e as grandes perdas de aparelhos e aviadores que sofriam nesses ataques. — Era de prever que os ingleses acabariam por desistir desses ataques.

O caso não era o mesmo no que respeita aos ataques da aviação alemã a Londres e outras cidades inglesas, as quais tinham sofrido horrivelmente. Verberou acerbamente a "estupidez" da atitude inglesa quando foi da proposta de Hitler para se renunciar aos ataques aéreos às cidades. O Fuhrer esperou dois meses antes de mandar bombardear as cidades inglesas. Neste momento havia quem pensasse em reavivar essa proposta, mas já é tarde demais.

O resto da conversa foi extremamente banal. Nada me disse sobre o nosso País nem de interesse especial para nós.

A AUDIENCIA DO FUHRER

O Snr. Hitler recebeu-me de pé, tendo ao seu lado o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Depois de trocarmos cumprimentos e de eu lhe entregar a minha credencial, mandou-me sentar à sua direita numa mesa. Ao meu lado sentou-se um funcionário superior do Protocolo que nos havia de servir de interprete, mas a cujos serviços não recorri senão muito excepcionalmente, quando me faltava algum termo alemão. O Snr. von Ribbentrop que se sentou à esquerda de Hitler assistiu à conversa mas nunca interveio nela.

O Snr. Hitler poz-se logo a falar com grande simplicidade e lhanesa. Felicitou-me também por ter escapado à bomba e, mudando imediatamente de assunto, disse-me que continuava a observar com algum receio as crescentes ambições dos E.U.A., e as suas possíveis consequências para as nossas ilhas dos Açores. Classificou de "idiotico" o pretexto apresentado pelos americanos: o perigo de uma ocupação alemã.- Disse-me não

lhe parecer que haja para nós qualquer perigo imediato,- no entanto convem estar sempre alerta porque as ambições americanas não têm limites.

Respondi-lhe que o Governo Português já tomou todas as medidas ao seu alcance para defender os Açores e que se considera agora habilitado a defendê-los seja contra quem for. Acentuei que estas providencias foram tomadas por uma questão de principio, e como medida de boa prudência, e não por termos tido qualquer informação especial que nos convencesse da existencia de um proposito por parte do Governo Americano de apoderar-se das nossas ilhas.

O Snr. Hitler retorquiu que já estava informado de que tínhamos posto as ilhas em condições de defeza, e aplaudiu vivamente a attitude do Governo Portuguez. Acrescentou que o nosso Governo não podia ter assumido uma posição mais acertada do que a que tomou, porque "a certeza de que não é possível adquirir um território sem tiros e sangue, tem sempre por efeito moderar o appetite dos ambiciosos"

Depois, falou-me longamente da campanha da Russia acentuando que esta guerra é na realidade de um interesse europeu.

O que esta campanha tem revelado de mais interessante é a magnitude do esforço feito pela Russia nos últimos anos para armar-se com o fim de subjugar a Europa na primeira oportunidade. Nem na Alemanha nem em parte alguma se fazia idea do que era o armamento russo. Verifica-se agora que tudo quanto a Russia conseguiu importar nos últimos anos à sombra dos acordos com a Alemanha, com a Inglaterra etc. foi aplicado unica e exclusivamente na produção de armamento. Nunca nem

por um instante se afastaram os Governos russos de seu objectivo fundamental de impôr pelas armas a bolchevisação da Europa. Só agora — que se torna possível apreciar a gravidade do perigo em que se viveu.

Perguntei ao Sr. Hitler como é de explicar um desconhecimento tão completo do armamento russo por parte da Alemanha e dos demais países. — Respondeu-me que neste particular as condições da Rússia eram inteiramente diversas das dos demais países: os estrangeiros não podiam circular livremente na Rússia, os russos estavam proibidos de manterem quaisquer relações com os estrangeiros, salvo com licença da policia; — a presença de estrangeiros só era autorisada em determinadas cidades ou regiões, etc. — Graças a estas circunstâncias é que o Governo russo conseguiu manter um segredo que teria sido impossivel noutro qualquer país do mundo.

Felizmente — acrescentou o Sr. Hitler — , o perigo russo está agora definitivamente afastado. Desvaneceu-se para sempre a ameaça que pesava sobre a Europa.

Perguntei-lhe se considerava já quebrada, ou sensivelmente enfraquecida a resistencia dos exercitos russos.

A maior resistencia que ainda encontramos na Russia — respondeu-me Hitler — não provem propriamente dos russos, mas da enormidade do seu territorio. Não é possivel fazer avançar a infantaria mais de 30 Km. por dia. Os carros de assalto e as divisões motorisadas podem avançar mais depressa mas depois têm de esperar pela infantaria que lhes ficou atraz. Num país como a Russia, com distâncias enormes e sem estradas as operações não podem ser senão demoradas. Mas a Russia já se encontra em grande parte desarmada e não pode já tentar

qualquer operação de grande envergadura. O seu território está ocupado numa profundidade media de cerca de 1.000 quilómetros. As suas melhores regiões industriais estão ocupadas, e os seus exercitos já não podem receber material novo senão do estrangeiro, e portanto em pequena quantidade. A sua aviação está destruída. Os carros de assalto apresados ou inutilizados já passam de 16.000.- As suas perdas em homens podem computar-se entre 6 e 7 milhões. Só os prisioneiros já somam mais de 1,6 milhão (contra 1,4 milhão no fim da última guerra).- Nestas condições é completamente impossível para a Rússia eximir-se à sorte que a espera.

Desta nossa conversa - que durou mais de 20 minutos, impressionou-me particularmente a boa disposição física do Führer. Nem o menor sinal de abatimento ou de cansaço. No seu rosto não se vislumbra o mais leve vestigio das grandes preocupações e responsabilidades que forçosamente lhe torturam o espirito.

Berlim, 16 de Setembro de 1941